

CONHECIMENTOS DOS MORADORES DA ILHA DE MARÉ ACERCA DOS RECURSOS NATURAIS NUMA ABORDAGEM HISTÓRICA¹

Ayane de Souza Paiva*

*Graduanda do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do Centro Universitário Jorge Amado - UNIJORGE, Salvador-BA. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB. E-mail: ayane.paiva@hotmail.com

Resumo: Este artigo envolve uma abordagem histórica, fundamentada na História Ambiental, acerca dos recursos naturais na Ilha de Maré a partir de depoimentos de nativos, fazendo uma correlação entre como vêem a ilha na atualidade e suas impressões e conhecimentos sobre como era a ilha no passado. Foram realizadas dez idas à Ilha de Maré, com visitação a seis comunidades para a coleta de dados. Os principais resultados alcançados foram referentes à obtenção de evidências de que, em alguns aspectos, mudou a forma de relação dos nativos com os recursos naturais, o que foi traduzido na comparação que realizaram entre as atividades desenvolvidas no passado e no presente. Constatou-se que os nativos entrevistados, com faixa etária entre 10 e 85 anos, de ambos os sexos e com baixo nível de escolaridade, mostram-se conhecedores de práticas ilícitas na relação com o ambiente, a exemplo da pesca com uso de explosivos, mas em sua maioria alegam que ela tornou-se necessária para garantir a subsistência. Identificou-se, também, que, em relação à forma extrativista de relação com a natureza, como por exemplo, na mariscagem e na produção de cestaria, não houve mudanças expressivas. Conclui-se que há necessidade de trabalhos na região que visem promover a conservação dos recursos ambientais e evidenciar aos moradores a sua importância ecológica, econômica e sociocultural.

Palavras-chave: História Ambiental; recursos naturais; diversidade biocultural.

Abstract: This article is an historical approach, about Environmental History, focused on the natural resources on the Ilha de Maré through accounts told by its native inhabitants, connecting their current views and knowledge compared to the island in the past. Ten visits were made to the Island, information was obtained at six different communities. The main result shows, based on people's testimony, that, in some ways, their relationship with natural resources has changed over time. Through people interviewed, from 10 to 85 years, of both genders possessing very little formal education, it was possible to identify illegal environmental practices as common knowledge, e.g: fishing using explosives, but the majority justify this as a necessity to ensure their livelihood. There were no drastic changes in relation to the practice of shellfish collection and in wickerwork production. This study deduced the need for more activities in the region to encourage the conservation of environmental resources and show the inhabitants that themselves are important for the ecology and economy of their island as well as social and cultural legacy.

Keywords: Environmental History; natural resources; biocultural diversity.

1 A HISTÓRIA AMBIENTAL, A DIVERSIDADE BIOCULTURAL E A ILHA DE MARÉ: UMA CORRELAÇÃO

A temática *história ambiental* não é muito mencionada na área acadêmica no Brasil, mas ela existe como disciplina em países desenvolvidos de língua inglesa (DRUMMOND, 1991).

Ela vem sendo definida como um campo de estudo dos impactos de diferentes modos de produção em diferentes formações sociais, tendo em vista as transformações de sua base natural, incluindo a superexploração dos recursos naturais e a degradação ambiental. Esses estudos abordam a análise de padrões de uso de recursos e de formas de apropriação da natureza, avançando em categorias que permitem um estudo mais integrado das interrelações entre as estruturas econômicas, políticas e culturais que induzem certos padrões de uso dos recursos e as condições ecossistêmicas que estabelecem as condições de sustentabilidade ou de insustentabilidade de um determinado território (LEFF, 2001, p. 386).

¹ Trabalho orientado pela Professora Rosiléia Oliveira de Almeida, do Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário Jorge Amado – UNIJORGE.

Essa nova modalidade de estudo correlaciona a história natural à história social, examinando as interações entre ambas. Duas características relevantes da *História Ambiental* que favoreceram a construção desse trabalho foram: 1) o seu diálogo sistemático com as ciências naturais, pertinentes aos quadros físicos e ecológicos das regiões estudadas e 2) a exploração das interações entre o quadro de recursos úteis e inúteis e os diferentes estilos civilizatórios das sociedades humanas (DRUMMOND, 1991).

A Ilha de Maré é a segunda maior ilha da Baía de Todos os Santos e situa-se entre as coordenadas UTM: 549.810 e 552.788; 8.585.150 e 8.591.250 (V&S..., 2001 apud MACHADO, 2008). Possui uma área aproximada de 1378,54 ha. Mesmo que não pareça, por não estar presa ao continente e por não contar com uma infraestrutura equivalente ao município ao qual pertence, a Ilha de Maré corresponde à XVIII Região Administrativa de Salvador (MACHADO, 2008) (Figura 1).

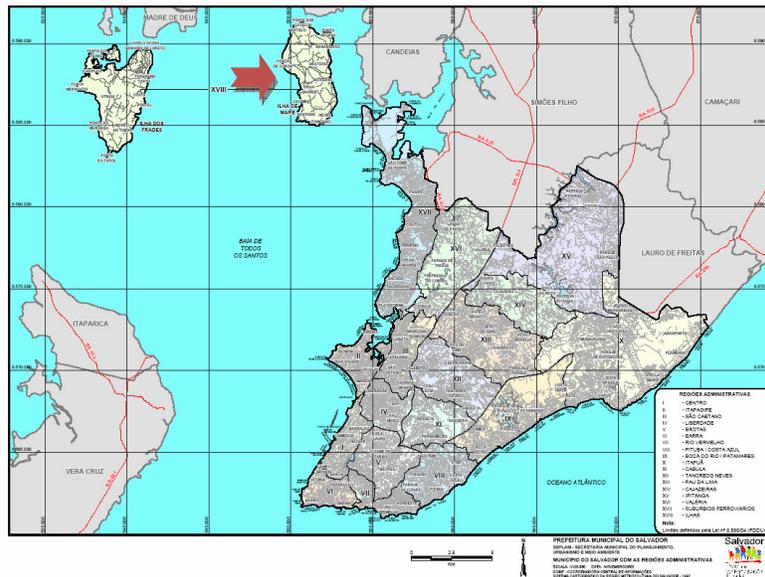


Figura 1. Município de Salvador e regiões administrativas, com destaque para a Ilha de Maré. Fonte: <http://www.seplam.salvador.ba.gov.br>

A Ilha de Maré dispõe de muitos recursos naturais, sendo visível sua riqueza natural através de observações pontuais. Os moradores apresentam um nível de instrução muito baixo e, na maioria das vezes, utilizam esses recursos de forma imediatista e unicamente utilitária. Contudo, os bens naturais poderiam ser utilizados

para desenvolvimento do turismo, cultura, educação e lazer, favorecendo a economia da Ilha. Além de não fazerem uma boa utilização dos bens naturais, muitas vezes os moradores fazem uso indevido dos mesmos, prejudicando fauna, flora e a eles mesmos, como seres humanos dependentes dos bens naturais existentes no meio.

O turismo na Ilha poderia ser fortalecido com a valorização de seus recursos naturais e da sua própria história ambiental, por exemplo, com a utilização das cisternas, poços e fontes como atrativos históricos aos visitantes.

Sabe-se que a biodiversidade, como indica a própria palavra, consiste basicamente em toda a variabilidade de vida existente em todas as regiões da Terra. A biodiversidade é importante para o homem porque dela derivam nossos alimentos, cosméticos, remédios e outros elementos que compõem o patrimônio cultural de diferentes grupos sociais.

O documento da Convenção pela Diversidade Cultural, promovida pela Organização Cultural, Científica e Educacional das Nações Unidas (UNESCO) e assinado, em 2005, por 14 nações diz que a diversidade cultural refere-se às várias formas pelas quais as culturas, grupos e sociedades se expressam, transmitidas dentro e entre grupos e sociedades (REIS, 2006).

O agravante é que a extinção da biodiversidade favorece, assim, a extinção da diversidade cultural e vice-versa. A estratégia de preservação da biodiversidade não pode ser desconcatenada da proteção do conhecimento local. Ambos formam, de modo intrincado, a *diversidade biocultural*, fruto de processo de evolução histórica e cultural (ZENT; ZENT, 2007).

Existe, portanto, consciência crescente de que a continuidade da diversidade de culturas humanas é elemento fundamental para a constituição de sociedades pluralistas e democráticas, e, no final das contas, sustentáveis. Mais importante, ainda, é a consciência crescente de que a diversidade ecológica deve caminhar *pari passu* com a diversidade cultural e que uma depende da outra (DIEGUES, 1988; MCNEELY, 1992 apud DIEGUES, 2004).

Um exemplo típico que ocorria na Ilha de Maré era a utilização da espécie vegetal conhecida localmente como *birreiro* para a confecção de pequenas peças de madeira: os bilros. A renda de bilro é uma tradição de algumas comunidades da Ilha de Maré desde

a época dos engenhos de açúcar no século XVI, especialmente da comunidade de Santana, e representou fonte importante para a sobrevivência econômica da região (Figura 2).

Vale mencionar também o uso de recursos ambientais na culinária da ilha, sendo que são preparados diversos tipos de moquecas com a variedade de animais marinhos, em particular peixes e moluscos, com o seu paladar peculiar e imensamente saboroso, feitos por moradores da própria região. Tudo é realizado por eles, passo-a-passo: as marisqueiras realizam a coleta dos animais, lavam, cozinham, retiram as conchas e removem a “carne” para levar à cozinha e fazer a deliciosa moqueca (Figura 3). Depois de todo catado, o peso da “casca” se perde e o que rende é uma mínima quantidade do animal, o qual, na maioria das vezes, nem é destinado ao consumo próprio. Ele vai ser todo revertido em renda, o que dará o sustento a toda a família (FERNANDO; NETO, 2008).



Figura 2. Confecção de renda de bilro, Ilha de Maré. Maré.



Figura 3. Trabalho de uma marisqueira. Botelho, Ilha de Maré.

No caso das moquecas de peixe, geralmente os homens realizam a pesca e suas esposas entram com o papel de preparar os deliciosos pratos dos mais diversos peixes. A cultura e tradições permanecem em relação à culinária, renda de bilro, dentre outras atividades, mas hoje não se dispõe dos mesmos recursos naturais que se tinha há algum tempo. Devido ao desmatamento desordenado e ao extrativismo sem controle, muitos vegetais foram desaparecendo da região e ficando cada vez mais escassa sua utilização na promoção da subsistência. Em relação aos peixes e mariscos ocorre o mesmo. A pesca com uso de explosivos e rede de arrasto têm limitado o número de

espécimes e a diversidade de espécies presentes na Ilha. Esse problemas interferem diretamente na biodiversidade e, a médio e longo prazo, acabam por interferir na cultura local.

As consequências da explosão de uma bomba no ambiente marinho são diversas e atingem, indiscriminadamente, qualquer organismo. Bentos, nécton e plâncton (fito e zôo) são todos alvos das ondas de choque de um explosivo, independente se o que se quer pescar é apenas a tainha (OLIVEIRA, 1996 apud CAMPOS; MAIA, 2008, p.15).

Em relação à pesca com uso de bombas, uma única explosão de dinamite produz uma onda de choque capaz de **dizimar toda a vida marinha em um raio de duzentos e cinquenta metros** (COUTINHO, 2009, grifo nosso).

Dessa forma, poderíamos compreender que a relação entre as espécies biológicas e a cultura gera a conservação de ambas e pode favorecer a estabilidade econômica. Seria correto afirmar isso se estivéssemos nos referindo ao passado, pois essa foi uma realidade.

A Ilha de Maré está localizada na Baía de Todos os Santos, ambiente este designado como uma APA (Área de Proteção Ambiental), por ser uma área extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos e culturais, especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem com objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais (SNUC - Lei 9.985/2000). Segundo o Ministério do Meio Ambiente (200_), a sua importância se dá por visar o desenvolvimento de atividades econômicas adequadas à conservação dos recursos naturais.

Há uma diferença que não é muito percebida e nem mencionada sobre os conceitos dos termos conservação e preservação, causando algumas confusões nos discursos ambientalistas. O termo **conservação**, nas leis brasileiras, significa proteção dos recursos naturais, com a utilização racional, garantindo sua sustentabilidade e existência para as futuras gerações. Já a **preservação** visa à integridade e à perenidade de algo, refere-se à proteção integral, à "intocabilidade". A preservação se faz necessária quando há risco de perda de biodiversidade, seja de uma espécie, um ecossistema ou de um bioma como um todo (PADUA, 2006).

As comunidades biológicas que levaram milhões de anos para se desenvolver vêm sendo devastadas pelo homem em toda a Terra e a lista de transformações de sistemas naturais que estão diretamente relacionadas às atividades humanas é longa (PRIMACK; RODRIGUES, 2001).

Entender a história ambiental da área estudada traz uma ampla visão de como atuar na intervenção para solução de problemas ambientais e valorização cultural, compreendendo a importância da conservação da biodiversidade para o ecossistema e para o bem-estar dos seres humanos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi elaborado um formulário de investigação para aplicação, no modelo de roteiro semi-estruturado, contendo vinte e seis questões, sendo doze perguntas abertas e quatorze fechadas, acerca dos recursos naturais numa abordagem histórica, sendo direcionado para todas as idades e independente do sexo.

Foram realizadas no total dez idas à Ilha de Maré, sendo realizadas quarenta e seis entrevistas informais não indutivas, com roteiro semi-estruturado, nas comunidades de Itamoabo, Botelho, Santana, Praia Grande, Porto dos Cavalos e Bananeiras sobre os aspectos históricos ligados à relação da população com os recursos ambientais, com foco na investigação e análise de suas impressões e conhecimentos. Foram realizados também registros fílmicos e fotográficos durante a realização da pesquisa. As visitas em campo e as análises dos dados obtidos foram realizadas no período de janeiro a junho do ano de 2009.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Através de uma análise nas comunidades da Ilha de Maré acerca dos *Aspectos Históricos*, no que se refere aos *Recursos Naturais*, verificou-se que a maior parte da população entrevistada nasceu e foi criada na Ilha. Retiravam água, antes da instalação de canalização por parte da EMBASA, das fontes e poços que os mesmos escavavam em mutirões, com utilização de ferramentas como inchadas, pás, baldes, picaretas e

cavadores. *"Eu já cavei muito poço no mato e tudo... Era de jegue e tudo... Naquele tempo no mato... Cavador, picorete, esses negócio que a gente usava"*, conta Emílio da Silva², 27 anos, de Santana, Ilha de Maré.

A maioria da população considera uma melhora a água encanada, alegando que atualmente não é preciso extrair as águas das fontes. Segundo Josefa, 61 anos, moradora da comunidade de Santana: *"A gente tava se batendo, tinha que esperar, porque a água era minada... Mas agora, depois da EMBASA, tá bom."*

Todos os entrevistados consideram que atualmente não existem problemas com falta de água e desconhecem casos de morte de amigos ou parentes que ocorreram por conta da má qualidade da água. A maior parte também avalia as águas dos poços e fontes no passado como boas para consumo, sendo essas águas hoje consideradas como mais poluídas pela falta de importância que os próprios moradores atribuem às mesmas, como menciona Andréia, 18 anos, de Praia Grande: *"Mais poluída do que antes. Por ter água canalizada, o pessoal não dá valor"*.

A maioria dos moradores não tinha conhecimento de que a Ilha de Maré é a segunda maior ilha da Baía de Todos os Santos e, ao mencionar sobre isso, surgiam muitos comentários, com indignação, referentes à não valorização da Ilha. *"E é uma das que falta um bocado de coisa. Certas coisas têm em outras e aqui nada. Falta um monte de coisa pra melhorar: a fonte, as escolas, hospital, banco, um supermercado, tudo isso"*, explica Maria, 23 anos, moradora de Itamoabo. Com esses depoimentos fica ainda mais óbvio que os moradores da Ilha de Maré apresentam várias demandas relacionadas à necessidade de valorização do seu ambiente de moradia.

Os moradores são conhecedores da prática da pesca com uso de explosivos na Ilha de Maré. Nas entrevistas mostram-se sempre contra, alegando que este tipo de pesca mata os peixes menores e racha as suas casas. Apenas alguns relatam ser uma forma viável de subsistência e apenas um entrevistado relatou problemas e perigos para o ser humano, mencionando casos de perda de membros do corpo. Ele inclusive comentou que já ocorreram acidentes com seus parentes e, mesmo após a perda de um braço por um deles, a prática desse tipo de pesca não foi cessada. Nenhum dos entrevistados tinha conhecimento sobre o risco à saúde do ser humano com relação à contaminação

² Os moradores entrevistados são identificados neste artigo por nomes fictícios.

por metais pesados, que não saem mesmo após o cozimento desses peixes. A senhora Carol, 37 anos, nascida e criada na Ilha de Maré, moradora da comunidade de Praia Grande, relata: *"As pessoas aqui coloca muita bomba e eu acho um absurdo. Os peixes vão sumindo. A bomba elas mata todo tipo de peixe."* Em um percurso à comunidade de Praia Grande, visualizei dois grupos de pescadores com uso de equipamentos para mergulho utilizados na pesca com bomba. Cada grupo tinha no mínimo dois homens e uma canoa de fibra. Segundo Fredson, barqueiro, nativo da Ilha de Maré: *"Já teve cinco pessoas que sofreu por causa disso"*, com perda de membros por conta da pesca com uso de explosivos.

Dona Joana, moradora da comunidade de Praia Grande, 37 anos, sugere que se acabe urgentemente com a pesca com bomba e, a respeito da pesca com uso de rede de arrasto, ela diz que deveria ser substituída por uma rede selecionável. Ela menciona, ainda, que os pescadores da Ilha sabem dos malefícios para a diversidade de vida marinha e para eles mesmos, mas que o fazem por necessidade. Contou também que a Petrobrás já ministrou algumas palestras na região, mas nada adiantou.

Outro comentário que chama atenção nessa abordagem sobre os recursos naturais da ilha, em relação à pesca com uso de bombas, foi o da Senhora Cíntia, moradora de Praia Grande, 35 anos: *"A pesca com bomba interfere no meu trabalho também, eu sou marisqueira e os peixes que vinham pra terra hoje não vêm mais... Acaba com as algas que ele vem se alimentar, chega aqui não encontra mais. E quando se vai pescar acaba com os grandes e os pequenos"*. Ela cita também prejuízos físicos que esses pescadores sofreram: *"Aqui tem muita gente sem dedo, cego e gente que já morreu... E o que tá sem dedo mesmo assim ainda pesca. Mas aqui não tem outra opção. Aqui só tem artesanato e pesca."* Esses depoimentos evidenciam que as opções de renda da ilha estão diretamente relacionadas ao uso dos recursos naturais que lá ocorrem. Conservar esses recursos torna-se urgente por vários motivos, que vão desde a própria conservação da diversidade biológica até a melhora na rentabilidade dos nativos, pois, conforme os próprios depoimentos, sem os recursos naturais não há trabalho e renda.

Em uma das atividades de campo, ouvimos um som muito forte e Dona Margarida nos confirmou que era dos explosivos usados para a pesca. Solicitei aos pescadores para fotografar a enorme quantidade de peixes que traziam consigo e, mesmo me

identificando e explicando sobre o projeto que está sendo realizado e que não traria nenhum malefício para os mesmos, eles andavam muito rápido e quase não responderam ao menos a saudação. Através dessas atitudes, pode-se verificar o receio dos pescadores com relação a denúncias referentes a esse trabalho ilegal.

Os moradores da Ilha de Maré cultivam plantas nativas e as utilizam para fins medicinais. *"Mastruz para dor de barriga... Pra tirar gripe usa o capim-santo. Quando a gente tá cheio de catarro a gente usa isso aqui"*, diz Cleiton Dias, 21 anos, morador de Praia Grande, mostrando uma planta muito usada pela população.

Segundo José Henrique, 56 anos, morador da comunidade de Santana: *"Aqui tem o quebra-pedra é muito bom pra rins, capeba é bom pro estômago... O alumã é bom quando a pessoa sente alguma dor, comeu uma comida ruim"*.

Depoimentos como esses evidenciam a valorização do uso da fitoterapia, através de um grande consumo de chá para a cura e/ou amenização de patologias. *"A aroeira, eu tava com uma ferida e o corte era fundo, aí eu tomei o chá e melhorou"*, Lucas Silva, 11 anos, nativo de Santana, estudante da 5ª série. Além da comprovação da ação terapêutica de várias plantas utilizadas popularmente, a fitoterapia representa parte importante da cultura de um povo, sendo também parte de um saber utilizado e difundido pelas populações ao longo de várias gerações (TOMAZZONI; NEGRELLE; CENTA, 2006).

Associada à diversidade vegetal, está também a diversidade cultural, que, no caso de plantas medicinais, assume um papel fundamental, pois é do conhecimento tradicional, oriundo de diversas populações em todo o mundo, que resultaram inúmeros medicamentos hoje utilizados na medicina ocidental (SCHEFFER; MING; ARAÚJO, 1999).

Sabe-se que o fragmento de Mata Atlântica existente na Ilha de Maré sofreu modificações ao longo do tempo, tendo não somente mudanças naturais, mas transformações ocasionadas pela ação humana nesse ecossistema.

Na pesquisa realizada, muitos moradores relataram sobre a conservação da Mata Atlântica da Ilha, citando vegetais que existem até os tempos atuais e dando enfoque em árvores que existiam e que atualmente ocorrem em menor quantidade ou simplesmente não ocorrem mais. *"Tem pé de jaca, manga, caju, acerola..."* cita Francisco, de Santana, Ilha de Maré. O morador se refere a plantas que consegue

identificar na atualidade, sendo que nem todas são nativas da Mata Atlântica. Existe ainda muita bananeira, mas em menos quantidade comparada com o que existia antes “Bananeira mesmo era bastante, agora não tá mais existindo.”, conta José, de Santana, Ilha de Maré.

Apesar do dendezeiro (*Elaeis guineensis*) não ser uma árvore nativa da Mata Atlântica, e sim da África, esse vegetal era muito comum no passado, mas atualmente os moradores da Ilha de Maré continuamente relatam que ele é observado em menor quantidade.

Plantas exóticas são introduzidas numa área ou região por ação antrópica, em ambientes que geralmente favorecem seu cultivo, “desequilibrando” o sistema. O fato de ter ocorrido muito dendezeiro no passado já é uma evidência de ocupação e ações do homem na introdução de plantas de outro ambiente na Mata Atlântica da Ilha de Maré.

“Dendezeiro tinha muito, hoje não tem quase nenhum... Era cheio de coqueiro hoje não tem mais, tinha pé de fruta-pão...”, conta Jéssica Batista, 72 anos, de Botelho.

“O povo de fora chega pra fazer pasto e construção. O povo daqui não acaba não com a Mata, porque se tira nasce de novo, mas os “grande” [ela se refere às pessoas de autoridade e melhor beneficiadas financeiramente] *devasta tudo. Não vejo mais dendezeiro como antes, hoje já não tem mais pra fazer dendê*”, relata Dilma Conceição, 35 anos, de Porto dos Cavalos. Essa moradora atribui uma “culpa” de tanto desmatamento às pessoas que não moram na ilha. Assim como ela, a senhora Gardel Pires, 46 anos, de Porto dos Cavalos, reclama das pessoas que vão à Ilha de Maré para utilizar os recursos florestais indevidamente: “*Chegou gente de dinheiro e comprou tudo... Não temos mata, acabou as matas... Não tem mais jauá, nem mandacaru*”.

“O pessoal que vem de fora, estão começando a desmatar pra vender a madeira”, reclama também Carolina Gonçalves, 36 anos, de Praia Grande.

Mas não é bem assim. É notável a utilização dos nativos da ilha desses recursos de maneira incorreta e apenas extrativista e muitos deles citam também o uso inadequado desses bens.

“Porque *muitas pessoas vai no mato e corta muito pé de árvore... Tinha umas plantas bonitas que tinha antes e que agora não tem, na certa a pessoa corta também*”, explica Clara Silva, 17 anos, de Bananeiras.

Há relatos também acerca da falta de cuidado com os bens naturais, conforme o comentário de Luciana Paz, 37 anos, de Praia Grande: *“O pessoal não cuida, às vezes toca fogo e tudo”*.

Outros comentários que me chamaram atenção faziam referência a órgãos de fiscalização, controle ambiental e legislação, o que deixa claro que os nativos têm conhecimento de que existem instituições responsáveis pela fiscalização do Meio Ambiente e que existem leis que podem punir pessoas que não respeitam os recursos naturais.

“Tão invadindo, tão desmatando de qualquer jeito. Sabe quando veio alguém do IBAMA aqui? Nunca.”, conta Marcos Santos, 50 anos, de Santana, mostrando indignação quanto ao descaso desse órgão de fiscalização ambiental.

“Não existe nenhum programa de conservação... Tinha pé de umbu e hoje você não acha”, conta Edevan Ribeiro, de Praia Grande.

“Porque não tem uma pessoa pra exigir, não há lei... Aí o povo corta, se aproveita”, diz Camila Iolanda, 19 anos, de Praia Grande.

Dos quarenta e seis formulários de investigação aplicados sobre a conservação do fragmento de Mata Atlântica que ocorre na Ilha de Maré, trinta e uma pessoas consideram o ecossistema não conservado e apenas quinze moradores relatam que o mesmo encontra-se em bom estado de conservação, ou seja, mais da metade dos moradores da Ilha de Maré entrevistados consideram que o fragmento de Mata Atlântica não está conservado (Figura 4).

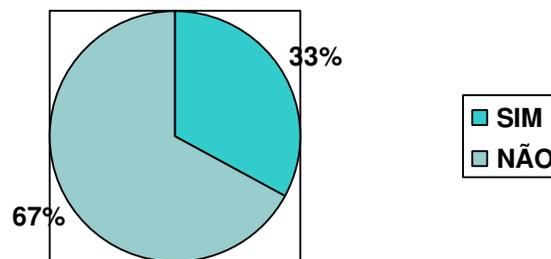


Figura 4. Opinião dos moradores da Ilha de Maré sobre a conservação do fragmento de Mata Atlântica, em 2009.

Os recursos vegetais da Ilha de Maré são importantes de diversos pontos de vista, desde a conservação do patrimônio biológico e da diversidade de vida até a economia e subsistência dos moradores. A importância da conservação se faz necessária, então, para a promoção do sustento, no que se refere à utilização dos vegetais para realização de renda de bilro, cestarias e construção de barcos, enfim, para toda a economia local. Além disso, conservar os recursos naturais pode promover o turismo, devido à manutenção da beleza paisagística. Fica óbvio, então, que, se conservarmos a biodiversidade a consequência disso será a garantia da preservação cultural e, conseqüentemente, a promoção de melhor rentabilidade.

Quanto ao ecossistema manguezal, que ocorre em várias comunidades da Ilha de Maré, a exemplo de Praia Grande e Bananeiras, vê-se claramente grande devastação, encontrando-se hoje com poucas plantas e quase não mais ocorrem os típicos peixes, moluscos e crustáceos.

Os manguezais estão entre os ecossistemas mais importantes que se estabeleceram na superfície da Terra. Esses ambientes são compreendidos por quatro compartimentos interdependentes, porém, com características intrínsecas bastante individualizadas: água, substrato, fauna e flora. O manguezal fundamenta a perfeita integração e o equilíbrio dinâmico entre seus constituintes físicos, químicos e biológicos no contexto ambiental (ORGE, 1992; ALVES, 2002 apud PARAGUASSU; SILVA, 2007, p. 2).

A importância do Manguezal para o meio ambiente e o ser humano é indiscutível diante das evidências científicas de seu papel nos ecossistemas, mas, infelizmente, ele tem sido dizimado pelas ações antrópicas na Ilha de Maré e, segundo os próprios moradores entrevistados, o ecossistema está “morrendo”. Além de ser importante para o meio ambiente como já mencionado, ele é também relevante para a subsistência da população, visto que a maioria se alimenta dos mariscos e peixes que nele ocorrem.

“Porque aqui, por exemplo, tinha uns manguezais [aponta para frente da casa]... O pessoal tira os manguezais pra criar espaço na frente das casas... Isso aqui tudo era mangue [continua apontando]... tudo! É porque o pessoal vai tirando os mangues. É o que eu mais luto aqui pra não derrubar...”, relata Tais Santos, 55 anos, de Bananeiras. Recordo-me bem da expressão dessa moradora mencionando que tenta acabar com a devastação do mangue, mas é quase impossível por conta da ação dos seus vizinhos.

"Tão destruindo tudo, fazendo queimada, acabando com tudo... O mangue principalmente... O mangue teve uma devastação enorme", conta Viridiana Reis, 35 anos, de Praia Grande.

"Aqui a planta chama birreiro... Se for por renda hoje a gente morre de fome... É muito difícil pra vender. Vai pra Salvador e não vende nada, gasta dinheiro de transporte e tudo. Antes vendia, minha vó mesmo vendia, levava pra Salvador e voltava com tudo vendido.", conta Regina, nativa de Santana, 68 anos, que trabalha como rendeira desde os 12 anos de idade. Ela ainda menciona que, na sua opinião, hoje não se vende mais como no passado por conta da desvalorização do trabalho artesanal. Ela relata que tem muita coisa nova e, dessa forma, não é dado o devido valor.

"Eu tenho birro de jacarandá... A semente que coloca na ponta é da noqueira. Já foi bom no passado a renda de birro, eu vendia muito, não só eu como outras pessoas também. Já compraram muito. Eu não sei mais porque não vende hoje, os turistas não vêm. Já vieram da França e Alemanha...", explica Josefa, rendeira e marisqueira, 63 anos, que começou a aprender a fazer renda de bilro com 7 anos. A moradora ainda relata sua insatisfação quanto à não valorização de seu trabalho, dizendo não aguentar mais ter que fazer e guardar por não ter comprador atualmente. *"As rendas tá tudo feita, mas não aparece ninguém pra comprar..."*, conta Regina, nativa de Santana, 68 anos, que passa pela mesma situação.

As rendeiras afirmaram também que a espécie de planta que fornecia a semente para colocar na ponta do bilro (pauzinhos) não ocorre mais na comunidade e para obter é necessário comprar de fora.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos aspectos históricos estudados e analisados mediante informações dos moradores da Ilha de Maré fica evidente a necessidade que se tem de entender como os mesmos enxergam a relação que o ser humano tem com o meio ambiente. Percebe-se, então, mais claramente, que a preservação da cultura local de um povo está diretamente relacionada com a conservação dos recursos naturais presentes em seu âmbito de moradia. Identifica-se isso através da falas dos nativos quando se expõe a

diferença entre o passado e o presente em relação à utilização e disponibilidade de bens naturais para a confecção de diferentes peças artesanais e também no que se refere à culinária, como foi discutido neste artigo.

Ao analisar as problemáticas ambientais que ocorrem em determinado local a partir de depoimentos dos habitantes fica mais fácil entender a complexidade envolvida na busca de soluções que possam promover a manutenção ou, até mesmo, a recuperação de práticas tradicionais.

Na compreensão e na busca de soluções para os problemas ambientais da nossa era, a ciência precisa reformar seu pensamento, reconhecendo a complexidade do mundo em que vivemos e a interdependência dos saberes existentes nele. O conhecimento, a cultura, assim como a vida a todo o momento se renova e se redimensiona. (...) E por fim vislumbra o resgate e a valorização do valorizar um conhecimento que tende a desaparecer rapidamente (BARENHO; COPERTINO; CALLONI, 2008, p. 485 - 486).

A lei de nº 9.985, de 18 de julho de 2000, que instituiu o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC, fala sobre a importância de uma Unidade de Conservação e em uma de suas vertentes explica que um dos principais objetivos das UC é “proteger os recursos naturais necessários à subsistência de populações tradicionais, respeitando e valorizando seu conhecimento e sua cultura e promovendo-as social e economicamente” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 200_).

A Ilha de Maré pertence a uma Unidade de Conservação, mas a lei do SNUC não tem sido respeitada. Em contrapartida, se houvesse a aplicação efetiva dessa lei, a cultura e as tradições desse povo não seriam extintas e nem fragmentadas, como observado.

De acordo com a lei e tendo em vista a riqueza natural da ilha conclui-se, mais uma vez, que os recursos naturais da Ilha poderiam ser muito melhor aproveitados, desenvolvendo a economia local, fortalecendo o turismo e a valorização do ambiente de moradia, proporcionando, inclusive, a elevação da auto-estima dos moradores.

A compreensão da história ambiental contada a partir de conhecimentos da comunidade moradora da área estudada traz certamente grandes subsídios para intervenções com fins conservacionistas, pois o trabalho torna-se rico de informações extremamente relevantes para uma posterior atuação na área.

A etnociência contribui no estudo dos conhecimentos das populações tradicionais sobre os processos naturais (DIEGUES, 2004), auxiliando o entendimento das suas percepções de passado e presente, a fim de identificar condições do ambiente em que se vive a partir da análise sociocultural.

Faz-se necessário, então, que se desenvolvam programas mais eficazes de conservação dos recursos naturais na Ilha de Maré e que visem evidenciar aos moradores a sua importância ecológica, econômica e sociocultural. Os recursos ambientais precisam ser utilizados com responsabilidade, pois eles são esgotáveis e existe uma geração futura que precisará usufruir dos mesmos bens que ainda temos hoje. Portanto, é necessário que se estimule entre os moradores a prática da cultura do desenvolvimento sustentável, a fim de preservar a cultura local, desenvolver a economia e conservar a biodiversidade.

5 REFERÊNCIAS

BARENHO, Cíntia Pereira; COPERTINO, Margareth; CALLONI, Humberto. Traçando relações entre o conhecimento ecológico tradicional e a teoria da complexidade. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, v. 20, 2008.

COUTINHO, Leonardo. A baía das bombas. **Veja**, ed. 2103, p. 118, 11 mar. 2009.

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'ana. **O mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

DRUMMOND, José Augusto. A história ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 177-197, 1991.

FERNANDO, Diogo; NETO, Aristotelino. **A etnoecologia das marisqueiras da comunidade de Ilha de Maré, Salvador-BA**. 2008. 64 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, 2008.

GABRIELA, Balbinot; PEREIRA, Renata Susan; ZANELLA, Andréa Vieira. **A renda que enreda**: analisando o processo de constituir-se rendeira. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302000000200011&script=sci_arttext>. Acesso em: 12 abr. 2009.

LEFF, Enrique. História ambiental In: _____. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 385-402.

MACHADO, Michele Silva de Macêdo. **Fontes e poços da água da Ilha de Maré, Salvador- Ba: aspectos históricos, geográficos, socioculturais e físico-químicos**. 2008. 110 f. Monografia (Graduação em Ciências Biológicas) - Centro Universitário Jorge Amado, Salvador, 2008.

MEINE, C. D. The oldest task in human history. In: KNIGHT, R. L.; BATES, S. F. (Ed.). **A new century of natural resource management**. Washington, D.C.: Island Press, 1995. p. 7-35.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Secretaria de Biodiversidade e Florestas. Departamento de Áreas Protegidas. **O SNUC – Sistema Nacional de Unidades de Conservação**. 200_. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/sitio/index.php?ido=conteudo.monta&idEstrutura=149&idConteudo=8355>>. Acesso em: 22 jul. 2009.

OLIVEIRA, Arlene Lula Moreira de. **Pesca predatória com uso de explosivos na baía de Todos os Santos**. 1996. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas) - Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

PADUA, Suzana. Afinal, qual a diferença entre conservação e preservação? **O Eco**, 2006. Disponível em: <http://www.oeco.com.br/suzana-padua/49-suzana-padua/18246-oeco_15564> Acesso em: 9 maio 2009.

PARAGUASSU, Lidice Almeida Arlego; SILVA, Michele Nascimento da. Caracterização fitossociológica do manguezal de Porto de Sauípe, Entre Rios, Bahia. **Diálogos Ciência – Revista da Rede de Ensino FTC**, Ano V, n. 12, dez. 2007.

PRIMACK, Richard B.; RODRIGUES, Efraim. **Biologia da conservação**. Londrina: Planta, 2001. v. 1. 327 p.

REIS, Ana Carla Fonseca. Diversidade cultural e biodiversidade - patrimônios interdependentes e pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 2, 2006, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2006. 1 CD.

SCHEFFER, M. C.; MING, L. C.; ARAUJO, A. J. de. Conservação de recursos genéticos de plantas medicinais. In: QUEIRÓZ, M. A. de; GOEDERT, C. O.; RAMOS, S. R. R. (Org.). **Recursos genéticos e melhoramento de plantas para o nordeste brasileiro**. Petrolina/Brasília: Embrapa Semi-Árido/Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, 1999. Disponível em: <<http://www.cpatsa.embrapa.br/catalogo/livrororg/medicinaisconservacao.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2009.

TOMAZZONI, Marisa Ines; NEGRELLE, Raquel Rejane Bonato; CENTA, Maria de Lourdes. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapeuta. **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 1, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000100014&lng=en&nrm=iso> Acesso: 27 abr. 2009.

ZENT, Stanford; ZENT, Egleé L. **On biocultural diversity from a venezuelan perspective: tracing the interrelationships among biodiversity, culture change, and legal reforms.** Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas. 2007. Disponível em: <<http://law.wustl.edu/centeris/confpapers/PDFWrdDoc/ZentManuscript.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2009.